

A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NOS ERROS ORTOGRÁFICOS DOS ALUNOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA SÃO CRISTÓVÃO

Regina Oneda Mello*
Marina da Silva Hachmann**
Jussara Biazotto***
Claudiane Nunes da Silva****
Daniele Raizer****
Lucilene Pacheco dos Santos****
Sidnei Antunes****
Wanessa Franco Sobral****

Resumo

O objetivo deste artigo foi fazer um estudo sobre a influência da oralidade na escrita dos alunos, sobretudo nos erros ortográficos. Sabe-se o quanto a fala é importante para as práticas comunicativas, independentemente das variações linguísticas decorrentes de regionalismos, tempo ou formalidade da situação, observando-se que todo o tipo de linguagem oral deve ser valorizado. Mas quando se trata da escrita, não há variações e todos têm de saber escrever adequadamente, independentemente da situação. Um bom escritor deve saber desvincular a escrita da fala, internalizando a ortografia dentro da norma padrão. Porém, percebe-se que os escritores em formação têm em sua escrita muitas marcas da oralidade, que os levam a cometer graves erros ortográficos. O trabalho partiu de uma fundamentação teórica a respeito da oralidade e sua importância para o ensino de Língua Portuguesa, das diferenças entre oralidade e escrita, sobre os objetivos da escola quanto ao ensino de Língua Portuguesa e sobre os tipos de erros ortográficos que podem ocorrer por influência da fala. Em seguida, foi feita uma análise dos desvios ortográficos, ocasionados em razão da influência da oralidade, cometidos pelos alunos da Escola de Educação Básica São Cristóvão de Capinzal, SC, atendidos pelo PIBID de Letras em aulas de apoio à leitura, interpretação e escrita.

Palavras-chave: PIBID. Oralidade. Escrita. Ortografia. Erros.

1 INTRODUÇÃO

É tarefa essencial da escola proporcionar aos seus alunos o domínio pleno da escrita, e aqui se refere à escrita não somente a tarefa de escrever, mas também de decodificar a escrita. O que se observa, no entanto, na fala dos professores das escolas, é que “os alunos escrevem muito errado” e “os alunos escrevem do jeito que falam”. O aspecto ortográfico é somente um dos elementos envolvidos na escrita, mas é de suma importância para esse ato.

Sabe-se que a fala é o suporte da escrita e que a escrita, historicamente, veio depois da fala. Há milhares de anos, quando o homem resolveu registrar algum sinal na pedra para eternizar ou divulgar uma ideia ou som, tentava, de alguma forma, resolver um problema que a fala não estava conseguindo. De lá para cá passou de um desenho feito com tinta rudimentar observado pelos poucos habitantes das cavernas, aos mais modernos meios de comunicação de massa,

* Coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; regina.mello@unoesc.edu.br

** Coordenadora do subprojeto de Letras na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; marina.hachmann@unoesc.edu.br

*** Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; jussarabz@hotmail.com

**** Graduandos do Curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Capinzal; clauunes19@hotmail.com

pelos quais o que se escreve pode ser lido instantaneamente por pessoas do mundo todo. A escrita veio para ficar e para auxiliar a fala na importante atividade de comunicação social.

Há muitos modos de falar (variação linguística): de acordo com a região, tempo, condição social, profissão, formalidade da situação, etc. Mas quanto à ortografia, não existe variação. Como nossa escrita, assim como a quase totalidade das escritas ocidentais é fonética, ou seja, uma tentativa de imitar a fala, aqui começam os problemas dos escritores. Como transcrever para a escrita os tantos jeitos de se falar uma mesma palavra? A fala é natural, algo inerente ao ser humano, basta a interação com outros indivíduos falantes que o bebê aprende a falar. Já a escrita é artificial, convencional e para ser aprendida necessita de estudo sistematizado, geralmente delegado às escolas. Somente existe uma maneira correta de se grafarem as palavras, independentemente da maneira como são pronunciadas. Por isso, Faraco (2007, p. 26) diz que a ortografia é a “lei da escrita”. Como toda lei, sua revisão ou modificação é muito difícil, por isso, também se diz que a escrita resiste muito mais ao tempo do que à fala. Apesar de não falarmos como nossos ancestrais, continuamos a escrever como eles escreviam há dezenas de anos.

A discrepância entre fala e escrita é um dos grandes entraves à alfabetização das crianças e, posteriormente, à escrita ortograficamente correta. A tentativa de imitar a fala produz palavras perfeitamente entendíveis e “corretas” ao ver do aluno, porém, em desacordo com a “lei” da escrita.

A motivação para esse trabalho se originou da observação diária de alunos do Ensino Fundamental II, da Escola de Educação Básica São Cristóvão, atendidos pelos bolsistas do PIBID de Letras da Unoesc Capinzal, SC, em aulas especiais de Língua Portuguesa ministradas no contraturno. Ao observar sua ortografia, os bolsistas perceberam que muitos erros ortográficos cometidos advinham da transcrição da fala para a escrita. Entender a origem do problema é o primeiro passo para buscar alternativas para saná-lo.

O trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica sobre a oralidade e a variação linguística, função da escola, semelhanças e diferenças entre fala e escrita e sobre os desvios mais comuns na escrita em razão da influência da oralidade. A partir disso, foram analisados os erros cometidos pelos alunos, os quais serão mostrados neste artigo com sua análise e possíveis estratégias para corrigi-los.

2 ORALIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA *VERSUS* ESCRITA

Afirmar que a língua apresenta variação significa dizer que ela é heterogênea em decorrência dos aspectos sociais, culturais, econômicos e, principalmente, geográficos, que influenciam a língua de um povo. Dessa forma, é possível afirmar que as variações da língua são relacionadas à faixa etária, ao *status* socioeconômico, ao grau de escolaridade e também à comunidade à qual o indivíduo pertence.

Um dos maiores desafios ou problemas enfrentados pelos professores na sala de aula é lidar com a variação linguística, pois o currículo escolar trabalha com regras gramaticais e, na maioria das vezes, trabalhar com variação linguística é confundido com “falar incorretamente”. É necessário compreender que variação linguística é uma maneira peculiar que cada indivíduo tem para se expressar.

Dessa maneira, subentende-se que escrever incorretamente não deve ser aceito, enquanto a fala é passível de erro. No entanto, sabe-se que os alunos escrevem aquilo que falam, e dessa forma acabam falando e escrevendo incorretamente. Assim, é imprescindível conhecer as duas modalidades linguísticas e entender de que maneira elas podem ser aplicadas no cotidiano; como diz Marcuschi (2001, p. 22) “[...] oralidade e escrita são duas ações possíveis para o uso da língua, que empregam o mesmo sistema linguístico, têm características próprias e não podem ser vistas como categorias distintas, tampouco dicotômicas.” Dessa forma, ambas as modalidades são importantes ferramentas de comunicação e devem ser trabalhadas corretamente nas escolas, visto que tanto “[...] oralidade quanto escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.” (MARCUSCHI, 2001, p. 17).

Alfabetizar uma criança no início da vida escolar não é uma tarefa fácil, pois antes de ela conviver com a escola e com pessoas diferentes, já sabe falar e entender a linguagem de acordo com a sua comunidade linguística.

Segundo Bagno (2004), o ensino deve partir da valorização da língua falada, já que é a modalidade de língua que os indivíduos aprendem naturalmente desde a infância e que está em constante transformação.

3 A FUNÇÃO DA ESCOLA É ENSINAR LÍNGUA PADRÃO

Muito se tem discutido sobre o ensino da língua padrão e suas implicações no ambiente escolar. Sabe-se que o papel da escola é criar condições para que o indivíduo entre em contato com essa modalidade da língua, uma vez que a norma padrão é a mais escrita socialmente; o indivíduo que não a domina tem certa desvantagem em relação à sociedade letrada.

Vários são os alunos que somente entram efetivamente em contato com a norma padrão da língua na escola, dessa maneira, faz-se necessário que esse padrão seja estimulado amplamente nesse ambiente, pois a linguagem coloquial é praticada por eles cotidianamente.

No convívio social dos alunos, há uma mescla de vários padrões de linguagem. A escola não deve ignorar tal fato, mas deve elucidar que seu papel é ensinar o padrão culto. Assim como disserta Possenti (2004, p. 11): “[...] o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico.”

É evidente que a escola, sendo uma instituição social, sofre interferências da sociedade em que está inserida, mas isso não serve como justificativa para a escola não ensinar o português padrão, embora muitos acreditem que seria uma violência impor a um grupo social os valores de outro grupo.

Dominar a comunicação pautando-se no padrão formal da língua representa é um grande passo para a ascensão econômica e social dos cidadãos socialmente menos favorecidos.

Dessa forma, o papel da escola e do professor de Língua Portuguesa não é impor ao aluno o uso da norma culta, menosprezando as outras variantes da língua, mas fornecer subsídio para que ele compreenda o uso da língua padrão e as diversas circunstâncias em que ter o seu domínio será indispensável, como se constata pela afirmativa de Bechara (1999, p. 59), quando diz “[...] que o professor de língua portuguesa, sem desprestigiar o valor da língua coloquial, deve centrar sua atenção no padrão culto, que presidirá à produção linguística do educando, seja falando, seja escrevendo.”

4 ALTERAÇÕES NA ESCRITA SEGUNDO ZORZI

Depois de o aluno já estar alfabetizado, ou seja, de dominar o código, ainda há um longo caminho pela frente, o de dominar também as palavras cuja grafia diverge da pronúncia. Zorzi (2006, p. 8) descreve esse processo como o 7º e penúltimo processo de aquisição da escrita:

A descoberta de que fala e escrita são diferentes, a identificação das variações entre falar e escrever e a estabilização da escrita: a oralidade exerce forte influência quando as crianças formulam hipóteses a respeito de como as palavras devem ser escritas, gerando uma tendência muito grande no sentido de que os padrões de fala determinem o modo de escrita. Tudo ocorre como se o sistema de representação gráfica do português fosse fonético, e não alfabético. Isto quer dizer que a criança toma como referência, para determinar que letra deve usar, aqueles sons que ela é capaz de identificar em seu padrão de pronúncia da palavra procedendo então a uma correspondência um a um: som falado / letra que escreve. A transformação deste padrão de escrita, com forte influência fonética, para uma escrita determinada ortograficamente depende de a criança compreender a diferença entre falar e escrever e da criação de um repertório lexical visual, controlado por regras ortográficas e não fonéticas.

Zorzi (2006, p. 11) estabelece ainda um quadro de alterações mais frequentes encontradas na escrita dos alunos: “1. Representações múltiplas; 2. Apoio na oralidade; 3. Omissões; 4. Junção/separação; 5. Confusão *am X ao*; 6. Generalizações; 7. Surdas/sonoras; 8. Acréscimo de letras; 9. Letras parecidas; 10. Inversões.”

Nesta pesquisa, como o objetivo foi avaliar somente a influência da oralidade na escrita dos alunos, o estudo deteve-se somente nas alterações propostas por Zorzi (2006, p. 11), baseadas especificamente na influência da oralidade:

[...] 2. Apoio na oralidade: Tais alterações correspondem a uma tendência de se escrever as palavras do modo como elas são pronunciadas, como se fosse uma transcrição fonética. Por esta razão observam-se grafias como: “girassol” > “girasou”; “soltou” > “soutou”, “enxugar” > “inchugar” e “parque” > “parqui”.

[...] 4. Junção – separação indevida de palavras: Uma vez que a produção de fala tem como uma de suas características um fluxo sonoro continuado, sem quebra em cada uma das palavras, existe uma tendência inicial de a criança começar a escrever as palavras ligadas umas às outras. Desta forma surgem problemas quanto ao critério de segmentá-las em unidades distintas. Exemplos: “derepente” (de repente); “em bora” (embora); “maismagra” (mais magra); “quees tava” (que estava).

5. Confusão am x ão: Corresponde à tendência de as crianças substituírem a terminação “am” por “ão”, uma vez que, do ponto de vista fonético, ambas as terminações são pronunciadas da mesma forma [...]. Daí a razão desta troca, também influenciada pela oralidade. Exemplos: gostarão (gostaram); ficarão (ficaram); falarão (falaram).

[...]

5 DESVIOS NA ESCRITA DE ALUNOS DA EEB SÃO CRISTÓVÃO ATENDIDOS PELO PIBID DE LETRAS

Para se realizar a pesquisa, analisaram-se os problemas ortográficos dos alunos atendidos pelos bolsistas do PIBID de Letras, na Escola de Educação Básica São Cristóvão, no período entre abril e julho de 2014. Os alunos atendidos frequentam do sexto ao oitavo ano da referida escola e apresentam dificuldade, entre outras, na escrita. Esses alunos são atendidos semanalmente pelos bolsistas, por um período de 1 hora e 45 minutos, em que são aplicadas atividades de leitura, interpretação e escrita. Em média, 24 alunos são atendidos semanalmente. Os problemas ortográficos apresentados foram coletados dos cadernos e de outros materiais escritos produzidos pelos alunos, antes de serem corrigidos pelos bolsistas. As palavras foram transcritas com um pequeno contexto em que estavam inseridas. Ocasionalmente, com essa palavra pode aparecer outra ortograficamente incorreta que não foi analisada porque apresentou um outro tipo de desvio não diretamente ocasionado pela influência da oralidade. Elaborou-se uma tabela com a transcrição, a transcrição da palavra errada, a reescrita ortográfica dessa palavra e o aluno que apresentou o problema, com sua série.

Dividiram-se as palavras em três grupos, obedecendo ao critério de Zorzi (2006): apoio na oralidade, junção – separação indevida de palavras e confusão “am” *versus* “ão”.

5.1 APOIO NA ORALIDADE

Iniciou-se a análise pelas palavras que foram grafadas foneticamente, ou seja, exatamente do jeito que elas são pronunciadas, sem preocupação ou com o desconhecimento da norma ortográfica.

Quadro 1 – Análise pelas palavras grafadas foneticamente

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica	Fonte
Um dia eu tava jogando bola com meus amigos nos jogemo muito [...]	tava jogemo	estava jogamos	Aluno 1
[...] troquemos de música e nos casemos.			Aluno 2
Mas so que tinha um poblema seu irmão era um arteiro [...]	poblema	problema	Aluno 3
[...] vesti a brusa e sai.	brusa	blusa	Aluno 4
As nuves do céu estavam branquinhas [...]	nuves	nuvens	Aluno 5

Fonte: os autores.

Quadro 2 – Análise pelas palavras grafadas foneticamente

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica das palavras analisadas	Fonte
A palavra velhavam siguinifica o que?	siguinifica	significa	Aluno 6
A palavra transcende siguinifica:	siguinifica	significa	Aluno 7
[...] crie 5 palavras e escreva o seu siguinificado.	siguinificado	significado	Aluno 7

Fonte: os autores.

Nessas últimas três palavras, observa-se a ocorrência da substituição do “g” mudo pelo seu equivalente oral, ou seja, a representação do fonema [g] pela sequência “gu”.

Quadro 3 – Análise pelas palavras grafadas foneticamente

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica	Fonte
A Salete é muinto bonita [...]	<i>muinto</i>	muito	Aluno 8
Seu pai era muinto orgulhoso.	<i>muinto</i>	muito	Aluno 8
Era uma vez um camponês ele era muinto feliz [...]	<i>muinto</i>	muito	Aluno 9

Fonte: os autores.

Aqui, percebe-se uma típica transcrição fonética da nasalização do “i”. Como a letra “n” em final de sílaba é utilizada para grafar a nasalização das vogais, é comum se ver a palavra “muito” ser escrita com o “n”.

Quadro 4 – Análise pelas palavras grafadas foneticamente

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica	Fonte
[...] seu defeito é comer muito na nossa lua de meu [...]	meu	mel	Aluno 9
[...] no aumoço, lanche e janta.	aumoço	almoço	Aluno 7

Fonte: os autores.

Aqui, percebe-se uma confusão comum gerada pelo fonema [w], que pode ser representado tanto pelo “l” quanto pelo “u”.

Quadro 5 – Análise pelas palavras grafadas corretamente

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica	Fonte
Ele corria muito i, derepende passou um [...]	<i>i</i>	e	Aluno 10
[...] foi a casa do camponês e pediu [...]	<i>pediu</i>	pediu	Aluno 10
Quem te incinou esses modos [...]	<i>incinou</i>	ensinou	Aluno 11
Foram passar nas cidades e campos [...](sic)	<i>passiar</i>	passar	Aluno 2
[...] e acabou infeitiçado por uma [...](sic)	<i>Infeitiçado</i>	enfeitiçado	Aluno 12
Ele teve uma ideia de pidir [...](sic)	<i>pidir</i>	pedir	Aluno 22

Fonte: os autores.

Outra troca bastante corriqueira entre os alunos é a substituição do “e” pelo “i”, sobretudo em palavras como as apresentadas anteriormente, em que o som representado ortograficamente pelo “e”, na realidade, pode ser perfeitamente pronunciado como [i], mais facilmente, então, relacionável à letra “i” e não ao “e”.

Quadro 6 – Análise pelas palavras grafadas corretamente

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica da	Fonte
[...] e calçou a sandalha [...]	<i>sandalha</i>	sandália	Aluno 4

Fonte: os autores.

A troca feita pelo aluno ao escrever tal palavra foi em razão da possibilidade de dupla pronúncia da sílaba “lia”: [l ʎa] ou [lia].

5.2 JUNÇÃO /SEPARAÇÃO INDEVIDA

Ver-se-ão agora, os erros cometidos pelos alunos quanto à junção indevida de palavras:

Quadro 7 – Erros cometidos pelos alunos quanto à junção indevida de palavras

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica	Fonte
Dequem vovó gosta mais [...]	<i>dequem</i>	de quem	Aluno 15
Seu irmão era um arteiro que quebrava tudo oque achava. (sic)	<i>oque</i>	o que	Aluno 22
A palavra velhavam siguinifica o que?	<i>oque</i>	o quê	Aluno 6
Oque o texto relata?	<i>oque</i>	o que	Aluno 14
[...] gostava de estudar porisso era muito inteligente.	<i>porisso</i>	por isso	Aluno 2
No dia atarde André chegou da escola [...]	<i>atarde</i>	à tarde	Aluno 3
Ele corria muito i, derepende passou um [...]	<i>derepende</i>	de repente	Aluno 10
Derrepente chega um senhor [...]	<i>Derrepente</i>	de repente	Aluno 18
[...] derepente, um camponês [...]	<i>Derepente</i>	de repente	Aluno 19
[...] toma abençoão ao seu pai [...]	<i>abenção</i>	a bênção	Aluno 6
Sua maior dúvida: mudar omudo.	<i>omudo</i>	o mundo	Aluno 14
Quando gentevai sabe [...]	<i>gentevai</i>	a gente vai	Aluno 20
[...] demanhã chegou lá, todos já [...]	<i>demanhã</i>	de manhã	Aluno 21
[...] o substantivo referente a época emque o escritor [...]	<i>emque</i>	em que	Aluno 2
Quemte ensinou esses modos?	<i>quemte</i>	quem te	Aluno 13

Fonte: os autores.

Na escrita desses alunos, verifica-se a junção de duas palavras, visto que uma delas, na maioria dos casos, é uma preposição. Percebem-se também junções de um substantivo com o seu artigo (o + mundo), de artigo com pronome (o + que), de preposição com pronome (em + que) e até mesmo de verbo com advérbio (é + só). Curiosamente, não se encontrou nenhum caso de separação indevida de palavras.

5.3 CONFUSÃO “AM” VERSUS “ÃO”

Por último, as trocas de “am” por “ão” e vice-versa:

Quadro 8 – “Am” versus “ao”

Transcrição da escrita do aluno	Palavra analisada	Escrita ortográfica	Fonte
E entam em seguida [...]	<i>entam</i>	então	Aluno 3
[...] olhou a bagunça que André e seu irmão tinham deixado.	<i>tinhão</i>	tinham	Aluno 11
[...] quando os familiares forão embora [...]	<i>forão</i>	foram	Aluno 13
[...] lápis, boracha, caneta, canetam. Histórias [...]	<i>canetam</i>	canetão	Aluno 10
[...] toma a bençam a seu pai.	<i>bençam</i>	bênção	Aluno 5
Você é tam bom assim!	<i>tam</i>	tão	Aluno 17

Fonte: os autores.

As trocas “am” versus “ão” geralmente ocorrem entre os verbos na terceira pessoa do plural no pretérito perfeito (“am”) e no futuro do presente do modo indicativo (“ão”). Porém, nesta análise, percebe-se que houve somente dois casos com esse tipo de troca (forão e tinham), nos demais casos a troca ocorreu simplesmente pela representação ortográfica inadequada do fonema [ẽw̃].

6 CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, comprova-se que a linguagem oral pode interferir negativamente na ortografia dos alunos. A escrita em questão não deixou de cumprir sua função comunicativa, pois as palavras, apesar de ortograficamente incorretas, puderam ser entendidas. Porém, isso não justifica o erro e é justamente nesse ponto que a escola deve intervir, ensinando ao aluno a “lei” que rege a escrita dessas palavras.

Percebeu-se que a maioria dos desvios ortográficos foram decorrentes da diversidade de possibilidades de representação gráfica de um fonema. Os fonemas nasais foram predominantes nessas trocas, tanto o fonema [ẽw̃], que ora é representado por “am”, ora por “ão”; o fonema [w], representado por “u” ou “l”, em final de sílaba e o fonema [ĩ], cuja nasalização, na maioria das situações, é representada por “m” ou “n” acompanhando o “i”, mas que não aparece em outras, como é o caso da palavra “muito”. O oposto também foi encontrado, já que na palavra “ensinou”, além de ter sido grafada com “i” no lugar do “e”, foi suprimido o “n” que representa a nasalização. O mesmo problema pode-se notar na palavra “significado” e suas variantes, em que, em lugar do “g” mudo, acrescentou-se o “u” para representar o fonema [g], como é comum se fazer antes das vogais “i” e “u”.

Outras trocas foram decorrentes da múltipla possibilidade de pronúncia de um determinado fonema de uma palavra, ocorrida nas trocas do “e” pelo “i”, do “li” pelo “lh”.

Um desvio preocupante percebido no decorrer das análises foi a transcrição para a escrita de uma variante coloquial da língua, como o ocorrido em “joguemo” (para “jogamos”) e “poblema” (para “problema”). Nesses casos, o problema vai além da ortografia, pois antes se faz necessário ensinar a variante oral padrão para depois esta poder ser transcrita para a escrita. E nesse ponto retornamos a uma das funções da escola, sobretudo da disciplina de Língua Portuguesa, que é a de ensinar a norma padrão da língua, tanto na escrita quanto na oralidade. O preconceito linguístico deve ser, sim, evitado, porém, o aluno deve estar ciente da necessidade do domínio da norma culta para as situações formais.

Por fim, outro desvio preocupante e que apareceu em significativa quantidade nas análises foi a junção indevida de palavras. O caso mais recorrente foi a junção de preposições com outras palavras de outras classes gramaticais. É claro que o fluxo contínuo da língua falada interfere para que haja a junção indevida de palavras escritas, porém, as junções ocorreram entre preposições (ou artigos) e palavras de grafia simples, usadas cotidianamente tanto oral quanto graficamente. Isso demonstra um total desconhecimento da escrita dessas palavras ou a falta de atenção ao escrever ou ao revisar o texto.

É preocupante também o fato de esses alunos que cometeram os erros já serem dos anos finais do Ensino Fundamental, período escolar em que se espera que o processo de alfabetização já esteja completo ou, ao menos, em um estágio mais avançado em que a oralidade exerça menos influência, sobretudo nos que estão já no oitavo ano.

A escola e, principalmente o professor de Língua Portuguesa, devem interferir continuamente no processo de aprimoramento da escrita desses e dos demais alunos. Alguns métodos que podem ser utilizados são, além da correção diária da sua escrita, a prática da reescrita das palavras isoladamente e em outros contextos, o uso constante do dicionário em sala de aula, jogos pedagógicos e outras atividades lúdicas que trabalhem dificuldades específicas e o incentivo à leitura. Também, a escola deve propiciar uma conscientização em todos os professores sobre a importância e a responsabilidade que todos têm no desenvolvimento da escrita padrão dos alunos.

Quanto às políticas públicas, deve-se investir na formação acadêmica e continuada dos professores, para que tenham um embasamento teórico de qualidade para lidar com todos os aspectos envolvidos na educação, inclusive a escrita. Programas como o PIBID são um ótimo recurso para remediar problemas encontrados nas escolas hoje e para formar melhores professores capazes de evitar que esses problemas aconteçam em tão larga escala como agora. As aulas ministradas pelos bolsistas do PIBID auxiliam a sanar dificuldades pontuais dos alunos porque eles podem ser atendidos individualmente, nas suas especificidades.

Dominar o uso da língua padrão e dominar a escrita devem ser alguns dos primeiros objetivos a serem traçados por uma escola comprometida com a formação plena do cidadão.

The influence of orality on spelling mistakes of students from the basic education school São Cristóvão

Abstract

This is a study about the influence of the speaking in the writing process of students and the mistakes they made due to it. It is known how important speaking is to communication, no matter where the person is or how formal a situation is, because every variety has to be respected. However, when it comes to writing, everybody has to know how to do it accurately, it doesn't matter the subject. A good writer has to know this distinction. Some of them, who are still in the process of learning, are not able to make such distinction and make mistakes. This work is based on a theoretical analysis concerning speaking and its importance in Portuguese learning, the difference between writing and speaking, the school's objective related to the learning process of writing and the spelling mistakes that may happen due to the influence of speaking in it. An analysis was made of such issue based on the students from Escola de Educação Básica São Cristóvão from Capinzal, SC, guided by PIBID from Letras with classes to improve the reading and writing.

Keywords: PIBID. Speaking. Writing. Spelling. Mistakes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, M. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BECHARA, E. **Ensino da gramática**: opressão? Liberdade? 11. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1998.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Oficina de texto**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: Gogen, 1998.

ZORZI, J. L. Alterações ortográficas nos transtornos de aprendizagem. In: MALUF, M. I. (Org.). **Aprendizagem**: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. São Paulo: Vozes, 2006.